

***“NÃO QUEREMOS
VANTAGEM,
QUEREMOS APENAS
UM JOGO MAIS JUSTO”***

**ENFRENTANDO A DESIGUALDADE DE GÊNERO NO
FUTEBOL ESCOLAR.**



**Prof. Me Bruno Cristino
Profª Drª Soellyn Elene Bataliotti**

**“NÃO QUEREMOS VANTAGEM, QUEREMOS
APENAS UM JOGO MAIS JUSTO”:
ENFRENTANDO A DESIGUALDADE DE GÊNERO NO
FUTEBOL ESCOLAR.**

REALIZAÇÃO

Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita filho
Instituto de Biociências – Rio Claro

EXECUÇÃO

Bruno Cristino

SUPERVISÃO GERAL

Profª Drª Soellyn Elene Bataliotti

Rio Claro – SP

2025

Sistema de geração automática de fichas catalográficas

Cristino, Bruno

"Não queremos vantagem, queremos apenas um jogo mais justo" [recurso eletrônico] : enfrentando a desigualdade de gênero no futebol escolar / Bruno Cristino. — Rio Claro, 2025.

36 p. ; pdf ; 922 KB : il. color., fotos color.

Recurso educacional derivado de dissertação de Mestrado Profissional em Educação Física (PROEF) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Rio Claro. Orientado por Soellyn Elene Bataliotti.

1. Futebol 2. Gênero 3. Educação física para mulheres 4. Diálogo 5. Jogadores de futebol

CRISTINO, Bruno. **Não queremos vantagem, queremos apenas um jogo mais justo**: enfrentando a desigualdade de gênero no futebol escolar Orientadora: Soellyn Elene Bataliotti. 2025. 115 p. Dissertação (Mestrado Profissional PROEF - Educação Física em Rede Nacional) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Rio Claro, 2025.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5 6
OBJETIVOS DAS PRÁTICAS	7 8
GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	10
DEFINIÇÕES DE GÊNERO	12
FUTEBOL COMO INCENTIVADOR DA PRÁTICA LIBERTADORA	19
METODOLOGIA	20
RESULTADOS DA PESQUISA	
“E UNÃO ASSISTO JOGO DAS MULHERES PORQUE NA MINHA TELEVISÃO SÓ PASSA JOGO DOS HOMENS”	
“AS MENINAS NÃO TÊM A MESMA CHANCE DE JOGAR QUE OS MENINOS”	23
“NÃO QUEREMOS VANTAGEM, QUEREMOS APENAS UM JOGO MAIS JUSTO”	26
REFLEXÕES E AVALIAÇÕES	29
CONSIDERAÇÕES	34
REFERÊNCIAS	35

APRESENTAÇÃO

Olá Cara/o Amiga/o! Este livro didático se baseia na pesquisa desenvolvida com meus alunos, que

culminou na dissertação do mestrado profissional em educação física em rede nacional o PROEF cursado na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Instituto de biociências em Rio Claro.

A pesquisa foi desenvolvida com as crianças de um 5º Ano do ensino fundamental, de uma escola do Município de Santo André, as crianças tiveram um papel ativo na construção das atividades e no debate sobre as questões de gênero na educação física escolar tendo como conteúdo disparador o futsal.

O presente texto tem como objetivo organizar uma estrutura de propostas, que possam permear o debate com as crianças e estimular a conscientização sobre a importância de inserir todos nas práticas do futebol escolar sem que exista diferenciação entre os gêneros, e que os espaços das práticas possam ser locais seguros para a exposição de ideias e argumentações por parte dos alunos. Não

existe a pretensão livro didático ser autossuficiente, demandando adaptações em cada realidade, se ajustando para as necessidades de cada turma, espero que contribua para seu trabalho!

OBJETIVOS DAS PRÁTICAS

- ❖ Compreender a percepção das crianças sobre a participação das meninas no contexto do futebol dentro das aulas de educação física escolar, atuando com estudantes do ensino fundamental
- ❖ Investigar as resistências e concepções dos estudantes sobre futebol e a participação de meninas no esporte, incluindo suas opiniões sobre mulheres no futebol profissional e amador.
- ❖ Identificar os desafios sobre a concepção de gênero no futebol escolar, partindo das vivências das crianças na aula de educação física escolar.
- ❖ Reconstruir jogos juntamente com os estudantes adaptando regras, afim de estimular a participação e as discussões de gênero nas aulas de educação física escolar.
- ❖ Analisar e refletir sobre o impacto da desconstrução do estereotipo de gênero na promoção da equidade no futebol nas aulas de educação física escolar.

GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

As temáticas de gênero são sempre emergentes nas aulas de educação física escolar, quando nos deparamos com situações onde as meninas não querem participar de propostas tidas como masculinas e meninos se recusam a participar de práticas que são ligadas ao feminino.

Para compreender melhor essa relação entre o masculino e o feminino utilizaremos neste documento a participação das meninas no futebol escolar como um tema gerador e partindo deste ponto estimular entre as crianças e professora/or um diálogo constante para poder construir um ideal de participação com a turma, vale salientar que a presente discussão pode ser parecida com a sua realidade, porém, é sempre importante primeiramente ouvir o que as/os estudantes tem a dizer, se essa questão de participação das meninas no futebol escolar permeia os debates em suas turmas te convido a refletir sobre nossa experiência com uma turma de 5º ano de ensino fundamental de uma escola em Santo André, cabe aqui dizer que em nenhum momento essa pesquisa tem a pretensão de ser solução para resolução desta temática, mas sim apresentar as respostas e resultados de uma construção dialógica.

Veremos a seguir um capítulo que contextualizará as questões de gênero que permeiam nossa sociedade, e como essas questões afetam o cotidiano escolar, para tanto apresentaremos autores que enriquecem essa discussão e fomentam o debate constantemente, com ideias para superar um movimento de opressão que ocorre muitas vezes sem nos darmos conta.

DEFINIÇÕES DE GÊNERO

Para compreendermos essa estruturação de gênero na sociedade, temos que entender que o corpo é construído não apenas de estruturas fisiológicas, mas como produto de cultura, para Daolio (2022) o corpo está diretamente relacionado a natureza e a sociedade, dependendo de cada localidade e qual realidade a pessoa está inserida, o mesmo corpo que inclui todos os humanos na mesma espécie o diferencia em suas dimensões culturais e sociais.

Neste sentido, Goellner (2010,p.72) irá reforçar que “o corpo não é algo que temos, mas é algo que somos” a autora ainda nos convida a refletir sobre um corpo em constante construção, algo que não está pronto e sofre interferências da cultura que o cerca, e que os corpos são um resultado de construções culturais plurais, e que cada cultura elege quais corpos são desejáveis ou indesejáveis, dentro deste conceito o gênero se insere nesta questão cultural e social, Goellner (2010) ainda vai contribuir dizendo que:

O gênero, portanto, não é algo que está dado, mas é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os corpos, a partir daquilo que se identifica ser masculino e/ou feminino'. Em outras palavras, o corpo é generificado, o que implica dizer que as marcas de gênero se inscrevem nele (Goellner, 2010 p.75).

Sendo assim podemos nos entender como sujeitos inseridos a uma cultura que exerce no nosso cotidiano uma influência, que impacta em nossas decisões e relações com as outras pessoas, desta maneira é evidente que em um ambiente como a escola essas influências são sentidas em um grau maior, afinal, as crianças vêm de casa com aqueles que convivem diariamente e trazem suas bagagens culturais e sociais, desta forma se conflitam com as/os colegas de sala que possuem outras criações e estímulos, neste contexto cabe à escola mediar essas diferentes bagagens históricas e culturais de cada estudante.

Silva (2023) vem corroborar com essa ideia quando diz em sua pesquisa que os desafios enfrentados, não se originaram apenas no ambiente escolar, mas refletiam uma segregação já presente na sociedade em que as crianças viviam. Conforme registrado em alguns diários de aula, os alunos mencionavam restrições impostas em casa sobre brincarem juntos, além da percepção de que

o futebol era uma atividade masculina e a dança, feminina. Dessa forma, superar essa cultura internalizada foi um dos principais obstáculos durante o processo educativo.

Para que essa superação ocorra é fundamental que a/o professora/or como mediador desse processo de ensino e aprendizagem esteja atento às práticas e estimule a reflexão daquilo que estão praticando, se for o futebol, essa proposta deve ir além de um executar de movimentos, como passe, chute, recepção e etc, observando quais perspectivas do futebol podem gerar uma educação vá além do reproduzir de técnicas.

Sendo assim, o caminho de construção de uma proposta pautada em um esporte que vise uma prática libertadora, demanda da/o professora/professor um aprofundamento e dedicação quanto ao seu campo de trabalho para que não ocorra o que Schönardie et al (2023) relatam que em seus estudos, onde muitas escolas tem esse percurso deixado de lado e o desinvestimento pedagógico é comum nas aulas, o que acaba estimulando uma exclusão das meninas, principalmente as menos habilidosas, os autores ainda complementam que:

A ausência de oportunidades de aprender e de participar acabam reforçando a inaptidão e o desencorajamento das meninas. Talvez, em consequência disso, muitas delas evitem praticar a modalidade, seja na escola ou em ambiente de lazer, pois acabam internalizando que a falta de habilidade é algo inerente ao seu gênero (Schönardie et al 2023, p.4).

Pautados em uma perspectiva do diálogo como instrumento para uma proposta libertadora de ensino damos atenção ao que Hooks (2017) nos convida a refletir quando diz que:

Ouvir um ao outro (o som de vozes diferentes), escutar um ao outro, é um exercício de reconhecimento. Também garante que nenhum aluno permaneça invisível na sala. Alguns deles se ressentem de ter de dar uma contribuição verbal; por isso, tenho de deixar claro desde o princípio que isso é um requisito nas minhas aulas. **Mesmo que a voz de um dos alunos não possa ser ouvida por meio da fala, ele faz sentir sua presença por meio de "sinalização"** (mesmo que ninguém consiga ler os sinais) (Hooks 2017, p.58 grifo nosso).

Esse ponto de valorizar a presença das/os estudantes nas discussões, mesmo que não queiram se posicionar, o fato de ouvir umas/uns às/aos outras/os é o ponto primordial para a construção de um trabalho coletivo, e incide diretamente na relação professora/professor – estudante e estudante – estudante, que vai

para além da prática de aula como conteúdo, fomentando construções que irão impactar diretamente a vida da/o educanda/o e da/o educadora/or. Partindo dessa vertente dialógica buscaremos compreender como os futebolis podem ser um potencializador das temáticas de gênero nas aulas de educação física escolar e como essa construção entre professora/professor e estudantes pode influenciar nas decisões e nas relações das aulas.

FUTEBOL COMO INCENTIVADOR DA PRÁTICA LIBERTADORA

O futebol de mulheres sofreu e ainda sofre com diversas questões relacionadas a falta de incentivo, tanto dos clubes de futebol, quanto da mídia e das federações, a mulher no Brasil sofreu historicamente com sanções para a participação em esportes tidos como masculinos, aqui podemos recordar a publicação do Decreto lei 3.199 de 14 de abril de 1941 em seu artigo 54 que diz: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.” (Brasil, 1941, Art. 54).

A deliberação do Conselho Nacional de Desportos em observância ao artigo acima citado traz a seguinte deliberação no decreto 7/65: “Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia,

(BRASIL, 1965), polo, rúgbi, halterofilismo e baseball.”

demonstrando neste decreto as atividades que o governo compreendia como exclusivas para os homens, e que tiraria a feminilidade das mulheres, esse processo afeta diretamente a incursão das mulheres nesses esportes, não apenas as atletas, mas àquelas que também praticavam essas modalidades como forma de lazer.

Mesmo após a derrubada do decreto 7/65 que só ocorreu no ano de 1979 as mulheres que queriam praticar o futebol ainda sofriam com a falta de estrutura, ou seja, foram cerceadas de participar de atividades esportivas por mais de uma década e quando retornam esse movimento ainda é bastante tímido, a popularização da modalidade vem crescendo ano após ano, com a

obrigatoriedade de times que participam da copa libertadores de manter um time de mulheres, e a criação de um campeonato brasileiro com a participação dos grandes clubes acabam por incentivar a participação de meninas no futebol, mas ainda estamos longe de uma equidade de oportunidades.

Portanto, Souza Junior (2020) vai relatar em um de seus estudos como as relações de gênero ainda são permeadas por valores preconceituosos e estereotipados, que limitam a inserção das mulheres no futebol e nas atividades esportivas em geral. O autor também ressalta a importância de propostas coeducativas, onde meninos e meninas possam compartilhar o mesmo espaço esportivo, como forma de promover a igualdade e combater o sexismo no ambiente escolar.

Altamann, Ayoub e Amaral (2011) vão relatar a importância da prática coeducativa para a problematização estereotipadas de gênero como veremos a seguir:

O trabalho coeducativo com meninos e meninas nas aulas de Educação Física pode problematizar concepções estereotipadas do feminino e do masculino, presentes entre docentes e discentes, mostrando que nem todos os meninos se identificam com esportes e jogos coletivos e que meninas também sabem e gostam de jogar (Altman; Ayoub; Amaral 2011 p. 499).

Dentro dessa prática coeducativa é que poderemos fomentar o diálogo através de propostas que estimulem a participação de todas/os independentemente do gênero ou de suas habilidades com o futebol, para tanto a seguir demonstraremos a sequência de propostas que utilizamos nesta pesquisa e posteriormente apresentaremos algumas respostas da participação das/dos estudantes.

METODOLOGIA

Para a realização das propostas de atividades que estimularão os debates sobre as questões de gênero dividimos as práticas em 4 etapas, onde em cada uma delas será abordada o tema principal de uma maneira diferente, o que ajudará a fomentar as opiniões das/os estudantes e contribuir para o debate do tema.

❖ ETAPA 1 – DEBATE INICIAL

Para construirmos coletivamente as perspectivas de gênero das/dos estudantes juntamente com a/o professora/or precisamos ouvir o que as/os educandas/os têm a dizer, como disparador desse primeiro encontro sugiro o vídeo “Comercial Orange Copa do Mundo Feminina 2023 - seleção francesa”, que demonstra como o subconsciente coletivo imaginamos sempre os homens jogando.

[Clique Aqui para acessar o vídeo](#)



Figura 1 Imagem do vídeo “Comercial Orange Copa do Mundo Feminina 2023 - seleção francesa”

Após a apresentação do vídeo estimular que as crianças comentem suas impressões e detalhes do que foi apresentado, estimular o debate e instigar a pensarem qual o papel deste vídeo, após as interações iniciais deixo aqui algumas perguntas que podem estimular o debate:

- Por que esse vídeo foi criado?
- Qual o objetivo da edição?
- As seleções tem a mesma relevância?
- Vocês assistiram algum jogo da seleção feminina?
- Vocês conhecem alguma jogadora de futebol?
- Vocês conhecem algum jogador de futebol?

Na sociedade existem diferenças entre os homens e as mulheres?

Após ouvir as crianças aconselho registrar as respostas e as impressões para comparar com as etapas posteriores, importante realizar um fechamento da discussão e explicar que construiremos um caminho com o coletivo a partir deste momento.

❖ ETAPA 2 – FUTEBOL GENERIFICADO

Nesta etapa será realizado o jogo de futebol generificado criado pelo professor Osmar Moreira de Souza Junior, esse jogo busca intensificar as diferenças entre os gêneros propondo regras injustas para as meninas, cultivando uma desigualdade nos direitos, desta maneira estimulando para o diálogo ao final da partida.

Regras

Disposição da Quadra



Como podemos visualizar na imagem acima a quadra está dividida em duas áreas diferentes, dentro da área do goleiro é a área privada e no restante da quadra temos a área pública.



No lugar da trave serão posicionados alvos para serem acertados durante o jogo, podendo ser mini cones, garrafas ou algum outro material que tiver disponível



Para a realização do jogo as equipes serão distribuídas com 2 meninas e com 4 ou 5 meninos

1ª etapa do jogo

As meninas deverão obrigatoriamente cuidar da área privada, no início do jogo se limitando apenas a defender, enquanto os meninos jogarão na área pública sendo impossibilitados de invadir a área privada, cada vez que os alvos forem derrubados contabilizará 1 ponto para a equipe, nesse momento as meninas devem repor a bola antes de organizar os alvos, desta maneira se a equipe adversária acertar novamente os alvos antes da reposição acarretará em pontuação dobrada.



2º Etapa do jogo

Na segunda etapa do jogo as meninas estão autorizadas a entrar na área pública, e podem marcar pontos, porém seus pontos valerão apenas a metade, ou seja, 0,5 ponto, e ainda serão as responsáveis por defender os alvos, nesse momento elas participam das ações ofensivas e defensivas do time, enquanto os meninos continuam apenas atacando o time adversário.



3ª Etapa do jogo

Na terceira etapa as meninas são obrigadas a atacar quando seu time estiver com a bola, e continuam sendo as responsáveis por defender a área privada, ou

seja, terão que retornar rapidamente toda vez que seu time perder a bola, seus pontos continuam valendo a metade dos pontos dos meninos.

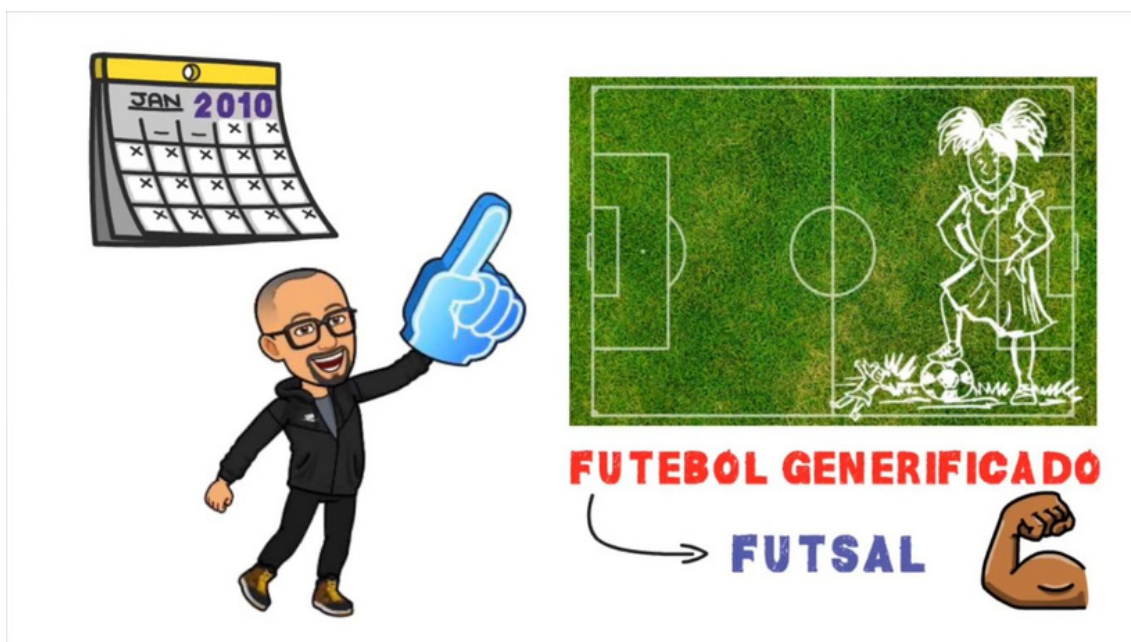
Pós jogo - Parte principal

A última etapa do jogo é realizada em uma roda de conversa onde os alunos contarão suas experiências, cabendo ao professor intervir com questionamentos pertinentes sobre essa participação, de como eles se sentiram ao jogar, como eles enxergam as desigualdades de gênero tanto no esporte como em sua vida cotidiana, de que maneira eles conseguem vincular a prática do jogo com a realidade em que se encontram, desta forma acolher e debater com os demais alunos dos diferentes pontos de vista sobre essas questões.

Neste momento aconselho retomar alguns pontos debatidos na etapa anterior, e buscar traçar paralelos com o que já foi discutido com eles.

Após esse debate anotar as principais colaborações dos alunos para futura análise e avaliação do processo.

Para mais explicações sobre o jogo acesse o vídeo abaixo.



❖ ETAPA 3 RECONSTRUINDO O FUTEBOL GENERIFICADO

Esta etapa consistirá em reconstruir o jogo do futebol generificado juntamente com as crianças, onde eles poderão, após identificar as injustiças do jogo, criar novas regras e um formato que seja mais interessante para a participação de todos os estudantes de uma maneira mais equitativa, fomentando um debate posterior onde poderão expor suas opiniões e possíveis adaptações necessárias sobre seu próprio jogo.

Cabe salientar que nessa etapa é fundamental que a/o professora/or identifique as opiniões e sugestões das/dos estudantes e tente garantir que o máximo de estudantes participe deste momento, afinal é desta forma que garantiremos que essa construção seja de fato realizada por todos, após realizar as regras do jogo o ideal é executá-lo.

Essa execução será primordial para que haja uma reflexão posterior de quais regras realmente deixaram o jogo mais justo e quais regras não favoreceram nas participações, é interessante também pois, as/os estudantes podem verificar se faltou alguma regra que poderia ser mudada.

Ao final do jogo propor uma roda de conversa para que esses pontos relativos às regras e a convivência entre os pares possa ser debatido.

❖ ETAPA 4 AVALIAÇÃO E REFLEXÃO

Nesta última etapa se reunir com as crianças e avaliarem o percurso até esse momento, quais as perspectivas foram levantadas desde o debate inicial e quais podem ser resolvidas a partir da vivência com o futebol, fomentar a discussão e principalmente escutar o que cada estudante tem a dizer, acolher as opiniões e mediar para que todas/todos sejam ouvidos.

Pode-se também realizar conversas individuais com aquelas/eles estudantes que não se sentem confortável em se expor em grupo, assim tornando a experiência ainda mais significativa, aconselho que as anotações principais das

primeiras rodas de conversas estejam presentes para poder retomar alguns pontos e avaliar coletivamente sobre o que foi dito.

RESULTADOS DA PESQUISA

Após a aplicação da sequência acima demonstrada, observamos que muitas questões foram levantadas e discutidas em grupo para avançar novas perspectivas nas práticas do futebol nas aulas de educação física escolar, veremos que o diálogo e as construções coletivas foram o ponto principal para a mudança de atitude de algumas/uns estudantes e que alteraram suas participações nas aulas.

Nesta etapa da pesquisa analisamos os dados coletados e achamos por bem dividi-los em 4 categorias que foram selecionadas a partir da análise de conteúdo, tivemos como autora de base para essa análise Laurence Bardin (2016), que vai nos dizer que:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (Bardin, 2016, p.48).

Dentro do contexto da análise de conteúdo foi utilizado para definir as categorias de discussão de resultados a análise temática que Bardin (2016 p. 105) vai complementar que: “consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido”. a autora ainda vai afirmar que, a análise temática é frequentemente empregada em pesquisas que buscam compreender motivações, opiniões, atitudes, valores, crenças e tendências. Diversas fontes, como respostas a questões abertas, entrevistas (sejam elas mais ou menos estruturadas), reuniões de grupo, psicodramas e até comunicações de massa, são frequentemente analisadas a partir dessa perspectiva temática.

As categorias geradas a partir da análise foram "Eu não assisto jogo das mulheres porque na minha televisão só passa jogo dos homens." Onde

falaremos da percepção das crianças quanto a baixa exposição na mídia do futebol de mulheres, em seguida apresentaremos a categoria “As meninas não tem a mesma chance de jogar que os meninos” nesta categoria discutiremos sobre as perspectivas dos alunos referente a participação das meninas no futebol escolar, na terceira categoria debateremos com os autores o “Não queremos vantagem, queremos apenas um jogo mais justo”, que traz a reconstrução de um jogo onde as crianças tiveram participação fundamental no processo, e para finalizar trazemos a categoria de “Reflexões e aprendizagens”, onde falaremos sobre o que as crianças perceberam na construção e desenvolvimento da pesquisa, para essa discussão utilizaremos os autores citados no referencial teórico deste trabalho.

"Eu não assisto jogo das mulheres porque na minha televisão só passa jogo dos homens."

O capítulo discute a percepção das crianças sobre a baixa visibilidade do futebol feminino na mídia e como isso impacta suas referências esportivas. A fala da **Menina 4** dá nome à categoria e evidencia essa desigualdade:

Menina 4: "Os homens acham que jogam mais que as mulheres, eu não assisto jogo das mulheres porque na minha televisão só passa jogo dos homens."

Partindo de sua experiência que os homens acham que as mulheres não tem a capacidade de jogar, por isso preferem assistir aos homens, essa fala veio carregada de intenção, notei que em nenhum momento a estudante concorda com essa visão, ela constata esse fato e traz para a discussão no intuito de confrontar o vídeo que tínhamos acabado de assistir e das falas de alguns colegas.

Neste ponto Freire (2024b) contribui dizendo que:

É por isso que alcançar a compreensão mais crítica da situação de opressão não liberta ainda os oprimidos. Ao desvelá-la, contudo, dão um passo para superá-la desde que se engajem na luta política pela transformação das condições concretas em que se dá a opressão (Freire 2024b, p. 44).

Outra estudante corrobora com a visão da Menina 4.

Menina 6: "Os homens não assistem aos jogos das mulheres porque acham que elas não têm capacidade para jogar."

Essas falas demonstram uma conscientização inicial sobre a desigualdade, mas ainda sem uma mobilização ativa para mudança. O impacto da mídia na construção das referências esportivas fica evidente quando os alunos são questionados sobre nomes de atletas. Enquanto rapidamente citam vários jogadores homens, poucas meninas são lembradas além de Marta e Raissa Leal.

Menina 1: "Ah sei lá, sempre que tem jogo é dos homens, sempre que fala de jogador é homem, não se fala muito das mulheres que jogam."

A menina 1 reforça novamente a visão de que o homem aparece mais que as mulheres em relação ao futebol, Goellner (2006) vai corroborar com a visão desta menina quando afirma que:

O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionadas à mulher, despertavam suspeitas porque pareciam abrandar certos limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina. Pareciam, ainda, desestabilizar um terreno criado e mantido sob domínio masculino cuja justificativa, assentada na biologia do corpo e do sexo, deveria atestar a superioridade deles em relação a elas (Goellner 2006, p.34).

Pereira (2020) vai contribuir junto das/dos suas/seus estudantes sobre a invisibilidade midiática das mulheres no esporte e como ela está associada às relações das/dos estudantes, ela afirma que:

Podemos olhar para as questões sobre invisibilidade midiática da mulher e as disparidades de salário articuladas à indústria da cultura e ao mercado de entretenimento, e as divisões e classificações sexistas às condicionantes imersas nas relações sociais. Nesse sentido, as tomadas de consciência sobre os/as aspectos de desigualdades e diferenças no cenário dos JEI1 passaram também a ser analisadas para além do cenário das aulas de Educação Física e reconhecidas enquanto acontecimentos sociais que não se encontravam em separado destas (aulas) (Pereira 2020 p. 100).

¹ JEI no trabalho de Pereira (2020) significa Jogos Esportivos de Invasão

Dentro do próprio trabalho da Pereira alguns/algumas estudantes tem falas similares a da menina 4 como por exemplo um estudante que cita:

[...] Aluno 24: Posso falar do outro vídeo, professora? [...] nenhuma mulher foi citada lá. Todo mundo só fala de homem, os homens passam na tv, no futebol e não passa o de mulher. Todo mundo só sabe prestigiar os homens passando só aquilo [...]" (Roda de conversa final - DA XI) (Pereira 2020 p.101).

Essa correlação entre o esporte e o cotidiano das crianças também pode ser observado em nossa pesquisa, algumas/alguns estudantes vão traçar um paralelo com o que visualizaram no vídeo com o que vivem no cotidiano.

Menina 4: "Em casa sou eu e meu irmão, e só eu que tenho que arrumar as coisas."

Menina 11: "As mulheres antigamente nem podiam jogar futebol, tinham que ficar cuidando da casa."

Podemos aqui salientar que dentro desta contestação das meninas quanto à realização de atividades domésticas sendo conduzidas pelas mulheres da família, muitas vezes tendo sua jornada de trabalho dentro e fora de casa, observar que essa opressão está intrinsecamente ligada as posições machistas da sociedade em que vivemos, Freire (2024a) vai dizer que:

A discriminação da mulher, expressada e feita pelo discurso machista e encarnada em práticas concretas, é uma forma colonial de tratá-la, incompatível, portanto, com qualquer posição progressista, de mulher ou de homem, pouco importa (Freire 2024a, p.94).

A discussão se ampliou, evidenciando como essa disparidade no esporte reflete um contexto mais amplo de desigualdade de gênero. O capítulo conclui que, embora as crianças reconheçam essa opressão, a mudança depende da ampliação do debate e de práticas pedagógicas que incentivem a reflexão crítica.

“As meninas não tem a mesma chance de jogar que os meninos”

Essa categoria vai trazer a reflexão das crianças após a realização do futebol generificado, que veremos a seguir potencializou as discussões e os posicionamentos das/dos estudantes em relação as oportunidades de prática do futebol pelas meninas, e nos ajudou a avançar para perspectivas para além das aulas

A frase que nomeia essa categoria veio da Menina 1, ela traz essa reflexão para o grupo quando um menino diz que as meninas não gostam de jogar, a partir desta fala outras meninas também se posicionaram, questionando e retrucando a fala do colega.

Dentro dessas relações das práticas e dos espaços para além aula, que essas/es estudantes percorrem em seu período escolar podemos notar que a dominação masculina sobre o ideário de quem tem mais ou menos condições de jogar é pujante, Pereira (2020) juntamente com seus alunos vão corroborar com essa perspectiva, dizendo que os meninos reproduzem atos de dominação, monopolizando os locais de práticas esportivas, que transcendem o ambiente escolar, indicando que as meninas não podem jogar e que esse espaço é para eles.

Seguindo essa visão de dominação dos espaços Malvar (2020) traz em sua pesquisa que as meninas acabam por ser cerceadas da oportunidade de jogar pelos meninos que consideram a presença delas dispensável, pois, as mesmas não teriam as capacidades necessárias para estar no jogo com eles, sendo assim são eles os dominantes daquele espaço.

O domínio masculino e a opressão realizada mesmo que inconscientemente faz com que as meninas por muitas vezes acabem por aceitar essa dominação para tentarem se encaixar no jogo que tanto gostam, ou então desistir de jogar, como

vemos na frase da menina 7: ***“é que os meninosas vezesnem deixam a gente jogar, por isso que eu não gosto de jogar com eles, não tocam a bola, se acham osmelhores, esó ficam criticando.*** Aqui podemos enxergar a frustração do querer jogar, mas ser podada, trazendo assim um sentimento de desprezo e

desalento, com isso muitas meninas acabam não se permitindo vivenciar práticas do futebol, Freire (2024b) vai contribuir dizendo que:

Até o momento em que os oprimidos não tomem consciência das razões de seu estado de opressão, "aceitam" fatalistamente a sua exploração. Mais ainda, provavelmente assumam posições passivas, alheadas, com relação à necessidade de sua própria luta pela conquista da liberdade e de sua afirmação no mundo. Nisto reside sua "convivência" com o regime opressor (Freire, 2024b p.71).

No momento de reflexão sobre o ocorrido no jogo podemos verificar que principalmente as meninas se ressentiram de jogar, pois, uma atividade que já tem uma carga de injustiça contra elas, sendo potencializada pelo jogo, fez com que elas se posicionassem de uma maneira mais veemente. Veremos abaixo um trecho do diário de aula.

Menina 7: Esse jogo não é legal, é muito injusto, eu não consegui fazer quase nada, só fiquei correndo, não valia nem a pena fazer ponto, ia valer menos mesmo, preferia até ter jogado o futebol normal.

Menina 1: Eu não gostei, consegui até marcar um ponto, mas valeu só metade, e no começo ficar só defendendo também não é legal.

Menina 6: Professor na aula passada falamos de como as meninas

~~clão~~ não como o Futebol Generificado evidenciou ainda mais a perspectiva das meninas ~~apareciam muito nos esportes e no futebol, aí esse jogo de hoje fez a gente~~ sua única participação, podemos comparar esse estudo com de Pereira (2020) que também observou essa intensificação na percepção das meninas sobre a opressão masculina nos jogos de futebol escolar, suas/seus estudantes ao jogarem o mesmo jogo tiveram uma única estudante que conseguiu marcar um ponto e foi a única a receber a bola dentro de quatro partidas realizadas naquele dia, a reação da estudante ao marcar foi tímida, pois, seu ponto valeria apenas a metade, esse fato gerou uma comparação das alunas com a vida para fora da realidade da quadra, as estudantes fizeram uma correlação com a falta de oportunidade das meninas com as diferenças salariais entre homens e mulheres, evidenciando o quanto o jogo pode ser libertador.

Observaremos a seguir outro trecho que demonstram como o jogo incomodou as meninas e como elas chegaram a um limite.

Uma equipe me chamou a atenção, as meninas caminhavam até o meio e não participavam e também não faziam questão de voltar rápido, quando eram cobradas reclamavam com os outros da equipe;

Menina 11: esse jogo é muito chato

Menino 17: Mas se você não participar não vai valer nosso ponto.

Menina 11: não tô nem aí (sic), nem quero ganhar mesmo

Menino 17: então sai do jogo

Menina 11: Era melhor mesmo.

Convido ao debate alguns autores que reforçam que as experiências vividas pelas meninas/meninos influenciam diretamente na sua relação com o futebol na educação física escolar, Pereira (2020 p.119) traz em sua pesquisa uma aluna que relata que: “[...] “Meu pai tem preconceito porque eu posso jogar vôlei e ele diz que meu irmão não pode, porque é esporte de menina, e eu não posso jogar futebol com meu irmão porque é um esporte de menino”; a autora ainda vai complementar que essa visão do pai vai reafirmar uma garantia de que a menina tenha uma formação de menina (vôlei) e o menino uma formação masculina (futebol), incutida na sociedade.

Para reforçar essa visão Silva (2023) identifica uma questão familiar no comportamento das crianças, observando que algumas meninas relatam não poderem jogar futebol ou fazerem outras atividades tidas como masculinas, por exigências dos pais e mães, alertando aqui para um trabalho de conscientização que necessita extrapolar os muros da escola.

Malvar (2020) vai corroborar dizendo que as dificuldades enfrentadas por meninas consideradas menos engajadas com as aulas refletem um sexismo estrutural presente no esporte escolar. Esse cenário torna o ambiente do futsal, em particular, um espaço desafiador para aquelas que não possuem experiência com jogos esportivos, pois temem expor publicamente sua falta de habilidade.

Podemos observar que nessa categoria o jogo escancarou ainda mais as diferenças de gênero os conflitos na turma e as discussões coletivas foram mais acaloradas, fazendo-as/os refletir sobre o que foi proposto, veremos na próxima

categoria como a elaboração de um novo jogo foi um ponto de virada para a turma.

“Não queremos vantagem, queremos apenas um jogo mais justo”

Após as discussões mais intensas sobre as participações das meninas e meninos no jogo do futebol generificado, decidimos coletivamente recriar o jogo para que fosse mais justo para todas/os, quando sugeri que algumas regras poderiam favorecer as crianças menos habilidosas, a **“Menina 4 disse: Não queremos vantagem, queremos apenas um jogo mais justo”** e partindo desse sentimento de justiça que criamos coletivamente o Futjusto.

Futjusto

Dividido em 3 tempos, com 3 meninos e 3 meninas em cada time, o jogo se desenvolve na quadra, onde a área privada será a área do meio da quadra defensiva, e a área pública será a área de ataque, essa divisão se dará no primeiro e segundo tempo, o terceiro tempo será livre de divisão de áreas, no primeiro tempo os meninos serão responsáveis por defender, não podendo passar do meio da quadra, enquanto caberá às meninas atacar, no segundo tempo as posições se alteram, meninos atacam e as meninas defendem, no terceiro tempo todos podem atacar e defender, não havendo obrigatoriedade, cada cone derrubado contará 1 ponto para equipe, e toda vez que for derrubado um cone o jogo é parado para reergue-lo, não há distinção entre as pontuações de meninos e meninas, não será validado ponto contra a própria equipe, as saídas de bola serão apenas pelas linhas de fundo, as laterais da quadra serão livres.

Mantivemos também o momento de debate posterior ao jogo como forma de discutirmos o que funcionou e o que não funcionou, quais regras alteraríamos e como melhorar ainda mais o Futjusto. (Compilado das regras criadas pelas crianças e professor).

Freire (2024b p.77-78) vai nos dizer que que, “Educador e educandos (liderança e massas), relacionados à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de revelá-la e, assim criticamente conhecê-la, mas também no de recriar este conhecimento” desta maneira fica nítida a importância de refazer esse jogo com uma visão conjunta de educadora/or e educandos.

A recriação do jogo nos permitiu vivenciar uma atividade onde as crianças tiveram papel fundamental para a construção, isso trouxe uma motivação na hora de executar o jogo e conseguimos observar que muitas/muitos estudantes se empenharam mais que o habitual na atividade, conseguiram jogar o jogo com certa fluidez e com uma participação mais ativa de todas/os.

Hooks (2017) nos indicará que essa construção coletiva é um caminho importante a se seguir quando diz: “Se realmente queremos criar uma atmosfera cultural em que os preconceitos possam ser questionados e modificados, todos os atos de cruzar fronteiras devem ser vistos como válidos e legítimos” (Hooks 2017 p.175). Aqui compreendemos que essa junção de saberes das/dos estudantes e da/do professora/or pode frutificar a discussão e conquistar esse passo para além da fronteira de um conhecimento estático. Após a realização do jogo os reunimos novamente para uma roda de conversa para conseguir alinhar o que foi interessante e o que poderia ser alterado no jogo, em sua maioria as percepções das crianças foram positivas, observando a justiça no jogo e como tiveram uma participação mais ativa, corroborando com as minhas impressões.

A Menina 4 falou: Eu achei o jogo bastante legal porque as regras são bastante justas, todo mundo pode jogar.

O Menino 13 complementou: achei o jogo bem disputado, todo mundo conseguiu participar.

O Menino 3 disse: eu joguei mais hoje, recebi mais a bola, eu não

jogo

sempre, gosto mais de basquete, mas hoje foi legal, o que mais gostei foi poder ajudar a criar as regras e poder jogar com as regras que nós escolhemos.

A Menina 1 complementou: meu time acho que entendeu o jogo,

ganhar é

importante, mas quando todo mundo participa também é legal.

A Menina 6 complementou, eu gostei do jogo, mesmo algumas

pessoas

reclamando, vi gente reclamando de ficar na defesa, eu gosto de ficar

Podemos observar nos trechos acima, que tanto as meninas quanto os meninos apreciaram a participação no jogo, foram percepções distintas entre elas, porém contemplam que o jogo conseguiu superar um ponto que era recorrente nas práticas anteriores, a participação de todos, apesar de uma ou outra reclamação pontual a turma validou o jogo, fomentando um debate sobre a alteração e inserção de novas regras para aprimorar a participação mais efetiva de todas/os.

Seguindo com o debate com as crianças, questionei quais suas percepções sobre as questões de gênero no Futjusto, se sentiram que algo havia mudado, ou se estava igual obtive as seguintes respostas:

A Menina 7 disse: eu acho que tem diferença ainda, os meninos ainda querem mais a bola, são mais brutos.

A Menina 1 falou: também acho, mas, no jogo de hoje eu vi as meninas participarem mais.

O Menino 18: acho que melhorou um pouco.

Aqui observamos algumas percepções das/dos estudantes quanto as diferenças de gênero dentro do jogo que eles produziram, conseguiram notar uma melhora na participação, porém conseguiram compreender que ainda poderia ser melhor, aqui considero interessante quando a Menina 1 relata que viu as meninas participarem mais, o fato é que ela sempre participa, tem uma ótima relação com os meninos e sempre está jogando, essa observação dela referente as alunas que não jogam frequentemente, demonstra que por mais que esteja inserida no futebol, não está alheia ao que ocorre com as/os demais colegas de turma.

As relações de diferenças de gênero obviamente não se esgotariam apenas com a mudança de regra de um jogo, porém, o ato de pensar e repensar sobre o assunto, ter a possibilidade de discutir com o professor e seus pares, faz com que essas/es estudantes tenham ferramentas para poder a partir do que foi vivenciado construir novas posições, questionar o que já é conhecido e transformar a realidade a qual ela/ele vive, para tanto Pereira (2020) irá corroborar quando fala que:

Embora o machismo tenha sido anunciado como um comportamento modificado no decorrer das aulas, não somos ingênuos a ponto de imaginar que todo um histórico de socialização em uma perspectiva

androcêntrica iria se dissipar em uma unidade didática. Conforme já anunciamos, é preciso assumir as transformações na conscientização dos/as alunos/as como processos e não como ponto de chegada (Pereira 2020, p.162).

Essa reflexão nos encaminha para nossa última categoria, onde observaremos as avaliações e reflexões das/dos estudantes e do professor pesquisador sobre os impactos da pesquisa no cotidiano daquela turma, principalmente no que se refere as questões de gênero no futebol escolar.

“Reflexões e aprendizagens”

A pesquisa realizada proporcionou um espaço de reflexão e aprendizagem coletiva, onde meninas e meninos tiveram a oportunidade de compartilhar suas vivências e percepções sobre participação, equidade e dinâmicas de jogo na educação física. O diálogo estabelecido ao longo do processo trouxe à tona mudanças significativas na maneira como enxergam a participação no futebol escolar.

A Menina 1 destacou o impacto das atividades propostas:

“Eu achei muito legal a participação nas atividades, percebi que depois de tudo que fizemos as meninas participaram mais dos jogos, alguns meninos começaram a tocar mais a bola, mas ainda tem alguns que não entenderam muito bem, parece, porque o jogo é para todo mundo não é só de alguns.”

Seu relato reflete uma evolução na percepção sobre o direito de todas e todos ao espaço de jogo.

O Menino 13:” Eu concordo com a Menina 1, achei que a maioria entendeu o que a gente tinha que fazer, acho que só alguns não quiseram fazer direito”

Perguntei: mas o que tínhamos que fazer?

Menino 13: “Agente tinha que ajudar todo mundo a participar do jogo, não deixar ninguém sem participar, tocar a bola, não querer fazer tudo sozinho, porque todo mundo tem vontade de jogar.”

Aqui, observa-se um entendimento mais coletivo sobre a prática esportiva, enfatizando a importância da colaboração. Neste momento percebi que de fato algumas/uns estudantes tiveram uma perspectiva interessante, comentaram sobre a participação equitativa, mesmo dizendo que algumas/uns estudantes ainda são individualistas, enxergaram para além das diferenças de gênero e como disse o menino 13 “todo mundo tem vontade de jogar”, em um de seus artigos, Goellner (2010) nos incentiva a pensar que:

Privilegiar o respeito à diversidade, a aceitação das diferenças e o reconhecimento de que cada sujeito vale pelo que é, independentemente de sua aparência corporal, da cor de sua pele, das marcas de gênero ou da orientação sexual que adota, é tarefa necessária a cada um de nós, o que, indubitavelmente, se traduz em um grande desafio. (Goellner 2010, p.82).

No início da experiência, algumas resistências foram evidentes.

O Menino 18 expressou seu desconforto inicial:

“eu achei os primeiros dias muito chatos, não gostei de ficar na sala, depois veio aquele jogo que era mais injusto com as meninas, mas eu também não joguei muito, não peguei muito na bola, e nesse último que jogamos, achei que foi melhor, gostei de participar, ajudar a criar o jogo, mas, meu time ainda tinha pessoas que não passavam muito a bola, não sou muito bom, mas, gosto de jogar”

Seu relato demonstra como a mudança nas atividades foi desafiadora, mas, ao longo do processo, gerou uma percepção mais positiva sobre o envolvimento coletivo.

Essa consolidação de uma nova perspectiva de construção de saberes tanto pelas/os Educandas/os como pelo educador começaram a se transformar a partir das rodas de conversa, no ato de um escutar ao outro, entender quais as dificuldades e intenções das/dos colegas, e como se sentiam naquele momento de aula, influenciou para que algumas barreiras fossem quebradas, a dialogicidade defendida por Freire (2024a), Freire (2024b) e Hooks (2017) foi primordial para que a turma como um todo evoluísse nas questões de oportunização de práticas para todos.

Esse desafio que a autora retrata, traz à tona o que foi a experiência da mudança pelas crianças e pelo professor, sair de uma posição de conforto (para o educador) de seguir com o planejamento que estava “funcionando”, para uma prática dialógica incidiu de um esforço de deixar convicções para trás e se abrir para o novo, Hooks (2017, p.61) vai relatar que “E vi pela primeira vez que pode haver, e geralmente há, uma certa dor envolvida no abandono das velhas formas de pensar e saber e no aprendizado de outras formas.” Realmente é um processo bastante desafiador e para as crianças foi igualmente reptante, sair de um padrão de aulas que estavam habituados para ter que se posicionar e refletir sobre o fazer foi incômodo, relataram descontentamento com a alteração do modelo inicialmente, até se adaptarem a essa nova perspectiva.

As rodas de conversa foram momentos fundamentais para que as crianças compartilhassem suas vivências e compreendessem melhor as dificuldades dos colegas.

O Menino 7 reconheceu o impacto dessa interação:

“Professor, eu gostei das aulas, eu concordo que antes das aulas eu não via as meninas participando, estava pensando só em jogar mesmo, não tinha pensado que outras pessoas queriam jogar, as vezes eu sou fominha mesmo, gosto de driblar de ir para cima, no SECI já me cobraram de tocar mais, mas eu gosto de ganhar, e por isso as vezes quero resolver sozinho, acho que preciso melhorar isso.

Nesse momento várias crianças concordaram, houve um momento de risos, pois o Menino 7 é um dos meninos mais competitivos, que pouco passa a bola para os demais e tem tendência a conflitos nas aulas

Sua reflexão revela um amadurecimento na compreensão do jogo como um espaço compartilhado.

Ao longo da pesquisa, as meninas também passaram a se afirmar em espaços antes predominantemente ocupados pelos meninos.

A Menina 11 relatou:

“Essa semana quando fomos para o parque eu joguei com os meninos, e foi legal, nunca tinha jogado com eles, a aula ajudou, eu vi que posso ir com eles.”

Seu depoimento demonstra um movimento de empoderamento e inclusão que transcendeu o ambiente escolar, para corroborar com esse pensamento Malvar (2020) vai contribuir que as aulas realizadas com base na coeducação, juntamente com as reflexões e discussões promovidas nas rodas de conversa, incentivaram algumas meninas a reivindicar participação nos jogos de futsal dos meninos durante o tempo livre das aulas. Além disso, elas se sentiram motivadas a formar uma equipe e participar do Torneio Interclasses da escola, alcançando o segundo lugar entre as quatro equipes inscritas.

Barreto (2023) também verificou mudança nas atitudes das meninas e na participação delas nos jogos a autora observou um processo de empoderamento discursivo das meninas, que passaram a enfrentar diretamente atitudes discriminatórias ou excludentes. Além disso, houve um aumento na autoconfiança e no protagonismo delas nos jogos de futebol, reconhecendo que aquele espaço também lhes pertencia, o que evidencia uma experiência marcada pelo desenvolvimento de saberes atitudinais. No entanto, nem todas as crianças se sentiram plenamente contempladas com as dinâmicas implementadas.

A Menina 19 expressou sua frustração:

“Eu acho que tem alguns colegas que não entenderam muito bem, sabe, a ideia era que todo mundo conseguisse jogar, mas tem alguns colegas que são muito fominhas, só querem jogar entre eles, aí fica difícil gostar de jogar com eles.”

Essa fala evidencia que, apesar dos avanços, desafios ainda persistem na construção de um ambiente verdadeiramente igualitário.

Por fim, a Menina 21 trouxe outra perspectiva, ressaltando a importância da diversidade de atividades: ***“Eu não gostei muito, porque eu não gosto de futebol, preferia outra coisa, gosto mais de dança, de outros assuntos, esse negócio de ficar correndo atrás da bola não é muito comigo, mas eu entendi o trabalho.”***

Esse último comentário da Menina 21, demonstra como devemos estar atentos como educadores às experiências prévias das crianças, e em observância a um bom planejamento, auxiliar nas construções de suas próprias opiniões e posicionamentos, e ao darem suas opiniões mesmo que contrárias às nossas, devemos acolher e compreender suas intenções, para então fomentar um debate crítico se necessário, ou alterarmos à nossa maneira de pensar.

Pereira nos ajuda a refletir quando diz que:

Situações como essas nos mostram que as relações de gênero nas aulas de Educação Física, assim como nos diversos contextos sociais, são temáticas que “mexem”, que “afetam” e que impactam a vida das pessoas. Elas causam embates, enfrentamentos e resistência, principalmente, se existem tentativas de romper com a estrutura hegemônica de dominação masculina vigente na nossa sociedade (nas aulas de Educação Física) (Pereira 2020 p.130).

Apesquisa revelou que um ambiente de diálogo e escuta pode promover mudanças significativas na interação entre meninos e meninas, incentivando uma cultura de respeito, colaboração e compreensão mútua. Ainda que desafios persistam, os avanços conquistados demonstram o potencial transformador da educação física enquanto espaço de reflexão e construção coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente produto buscou demonstrar uma sequência didática que fomentou o desenrolar da pesquisa e apresentar os dados principais coletados e discutidos, esperamos que o trabalho possa contribuir com as/os pesquisadoras/ores que queiram aprofundar suas experiências em torno da temática de gênero.

O produto educacional é uma ferramenta de grande valor para demonstrar os frutos de um trabalho construído durante o período de realização do mestrado profissional, e sintetiza uma pesquisa que demandou tempo e dedicação do pesquisador.

Vale ressaltar que o mais importante foi o impacto gerado na participação das meninas nas aulas de futebol escolar, gerando nelas um maior engajamento e um sentimento de luta para a ocupação de espaços que antes eram cerceadas, pude observar ao decorrer da pesquisa que algumas meninas trabalhavam para melhorar as questões técnicas para poder disputar de uma maneira mais igual com os meninos, e algumas foram se aproximando e ocupando esse espaço nos momentos livres e fora das aulas de educação física. Acreditamos que essa vivência ultrapassou os muros da escola, pois, o pensamento crítico e o diálogo envolvendo a pesquisa foram transferidos para as aulas subsequentes, os questionamentos aumentaram e tornaram as aulas um espaço de debate sobre a prática.

Para finalizar ressalto novamente que o presente trabalho não teve a pretensão de resolver todas as questões de gênero da turma, quiçá da sociedade, ele foi instrumento para que as/os estudantes possam ter uma visão mais libertadora sobre o tema e poder tirar suas próprias conclusões quando as atividades cotidianas os cobrarem de posicionamento.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. AYOUB, Eliana; AMARAL, Silvia Cristina Franco. Gênero na Prática docente em educação física escolar: “Meninas não gostam de suar, Meninos habilidosos ao jogar?” **Estudos Feministas**. Florianópolis, mai-ago, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**; Trad. Luis Antero Reto. Edições 70, São Paulo, 2016.

BARRETO, M. **Implementação de um currículo dos futebóis para a Educação Física nos anos finais do Ensino Fundamental**. 2023. 186f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023. BRASIL, Câmara dos deputados; Decreto lei 3.199

de 14 de abril de 1941; Rio de Janeiro, 1941. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em: 20 jun. 2024.

Brasil 1965; Conselho Nacional de desportos Deliberação Nº7, Distrito Federal, 1965. Disponível em: <https://cev.org.br/biblioteca/deliberacao-n-7-2-agosto-1965/> Acesso em: 20 jun. 2024.

DAOLIO, Jocimar; **Da cultura do corpo**. Campinas, Editora Papirus, 2022. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/204271/epub/0?code=KGyQJoleB+BN+qdXUGdrl44eEgwgf8uhVKbGvjAJ9+ihg+uslCJRQ+CTxJdScxyLy4lFz1Z7tZSjs0aA8E5Svg==> Acesso em: 25 jun. 2023. FREIRE, Paulo.

Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido. 34 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2024a

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 88-ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2024b

GOELLNER, Silvana Vilodre. As práticas corporais e esportivas e a produção de corpos generificados. In: SOARES, Guiomar Freiras; SILVA, Meri Rosane Santos da; RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Problematizando práticas educativas: Corpo Gênero Sexualidade**. Fundação UFRG, Rio Grande, 2006. p. 32-38

GOELLNER, Silvana Vilodre. A Educação dos corpos, do gênero e das sexualidades e o reconhecimento das diferenças. **Cadernos de Formação RBCE**, p.71-83, mar 2010. HOOKS, Bell. Ensinando a Transgredir: a educação

como prática de liberdade, trad. Marcelo Brandão Cipolla. 2ed. São Paulo. WMF Martins Fontes, 2017.

MALVAR, Antonio Jorge Martins. **A participação das meninas nas aulas de Educação Física**: dilemas de um professor no ensino do futsal. 2020. 114 folhas. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

PEREIRA, Ana Cristina Gabriel. **Ensaio de uma Metodologia da Experiência Crítico-Afetiva nas aulas de Educação Física**: impactos sobre as relações de gênero e o empoderamento das meninas. 2020. 191 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - PROEF) - Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

SCHÖNARDIE, Marina Gomes et al. “Não torço pra nenhum time, não sei as regras e se me convidam pra jogar eu não jogo”: a relação das meninas menos habilidosas com o conteúdo futebol/futsal nas aulas de Educação Física. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 35, n. 66, p. 1-17, 2023.

SILVA, Leandro de Carvalho da. **Entre Situações-Limite e Inéditos Viáveis**: problematizando as desigualdades de gênero nas aulas de Educação Física. 2023. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física Escolar) – Universidade Federal de São Carlos, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, São Carlos, 2023.

SOUZA JUNIOR. Osmar Moreira de. Gênero, educação física escolar e pedagogia do esporte: construindo processos educativos empoderadores In: WENETZ, Ileana; ATHAYDE, Pedro; LARA, Larissa. **Gênero e sexualidade no esporte e na educação**. EDUFRN, Natal, 2020.